

EXAME NACIONAL DO ENSINO SECUNDÁRIO
12.º Ano de Escolaridade (Decreto-Lei n.º 286/89, de 29 de Agosto)
Cursos Gerais – Agrupamentos 3 e 4

Duração da prova: 120 minutos
2006

2.ª FASE

PROVA ESCRITA DE FILOSOFIA

1. CRITÉRIOS GERAIS DE CLASSIFICAÇÃO

- A indicação do número de palavras a utilizar em cada resposta tem carácter meramente orientador do grau de desenvolvimento pretendido, pelo que não se propõe qualquer penalização pelo incumprimento dessa indicação.
- Como os tópicos de conteúdo relativos a cada item não podem ser exaustivos, serão de aceitar respostas que, revelando conhecimento efectivo da obra em causa, foquem aspectos não previstos, mas permitam, igualmente, corresponder ao solicitado.
- Quando, numa resposta, tiver sido atribuída a classificação de zero pontos a todas as competências de compreensão, de aplicação, de análise e de avaliação, as competências formais devem ser classificadas com zero pontos.

No GRUPO I:

- Se as respostas aos itens 1. e 2. forem relativas a obras diferentes, só será considerada, para efeitos de classificação, a resposta ao item 2.
- Se existirem respostas ao conjunto dos itens 1. e 2. sobre mais do que uma obra, só será classificado o primeiro conjunto de respostas.
- No item 2, a mera transcrição de frases do texto implica a classificação de zero pontos.

No GRUPO II:

- Se o examinando não identificar a obra e se o seu texto não tornar claro a que obra se está a referir, a resposta será classificada com zero pontos.
- A opção por mais do que um tema implica que seja classificada apenas a primeira resposta.

V.S.F.F.

114/C/1

2. CRITÉRIOS ESPECÍFICOS DE CLASSIFICAÇÃO

GRUPO I

Item 1	A – Relação entre os conceitos no contexto da obra OU B – Justificação de teses no contexto da obra		Cotação
	A	B	
Competências de compreensão, de aplicação e de análise	1. Explicação do significado de cada conceito no contexto da relação	1. Explicação do significado da tese	10 pontos
	2. Caracterização do tipo de relação entre os conceitos (convergência / oposição, interdependência, hierarquia)	2. Exposição de um argumento da obra para fundamentar a tese	10 pontos
	3. Explicação do significado da relação entre os conceitos no contexto da obra	3. Explicação do significado da tese no contexto da obra	10 pontos
Competências formais	4. Organização do discurso (ordem, coerência)		06 pontos
	5. Expressão escrita (sintaxe, ortografia)		04 pontos

Total do item 1 40 pontos

Item 1 – Tópicos de conteúdo

O MESTRE, Santo Agostinho

- Todas as palavras, e não apenas os substantivos, são nomes, porque, em sentido geral, «todas [as palavras] denominam alguma coisa».
- Todas as palavras remetem o pensamento para as coisas que significam e, nessa medida, funcionam como nomes.
- Porém, o conhecimento do significado das palavras depende do conhecimento prévio das coisas.

PROSLOGION, Santo Anselmo

- Deus é anterior a todas as coisas, porque existe antes de todas as coisas e é condição da existência delas.
- Deus é ulterior a todas as coisas, porque existe para além de todas as coisas, mesmo daquelas que não têm fim; e nem mesmo estas últimas coisas podem existir sem Ele.
- Em Deus, está sempre presente tudo aquilo que as coisas ainda não são e tudo aquilo que elas já não são.
- Se Deus não existisse, nada poderia existir; mas, se as outras coisas não existissem, Deus em nada seria afectado por esse facto. Deus é o único ser de quem não se pode pensar que tem fim.

O ENTE E A ESSÊNCIA, São Tomás de Aquino

- A existência das substâncias compostas consiste na actualização de uma potência, a realização da sua essência específica. Esta actualização é recebida na matéria delimitada e na forma, que, em conjunto, constituem a sua essência.
- «Embora desse existir só a forma seja, à sua maneira, a causa», a matéria não é exterior à essência das substâncias compostas, porque, se assim fosse, estas substâncias seriam semelhantes aos acidentes, e a sua definição «não diferiria das definições matemáticas».
- A individuação das substâncias compostas é tarefa da matéria delimitada e permite distinguir a essência do individual da essência dos universais: «a determinação da espécie, em relação ao género, realiza-se por meio da forma, enquanto a determinação do individual, em relação à espécie, por meio da matéria».
- Só há uma realidade existente por si mesma, que é acto puro – Deus –, e relativamente à qual todas as restantes coisas estão em potência.

RECONDUÇÃO DAS CIÊNCIAS À TEOLOGIA, São Boaventura

- O conhecimento sensitivo é possível graças à similitude e opera por similitude, pois existe uma relação de semelhança ou de conveniência de cada órgão dos sentidos com o objecto que ele capta.
- O lume do conhecimento sensitivo é o conhecimento das formas naturais, auxiliado pela «luz corporal». Ele «quintuplica-se segundo os cinco sentidos», que permitem apreender os cinco corpos simples do mundo – os quatro elementos e a quinta essência.
- Como o espírito sensitivo possui a natureza do lume, a similitude não se esgota no acto de sentir, pois exige a união entre cada órgão dos sentidos e a respectiva faculdade, produzindo uma nova percepção que proporciona a recondução ao objecto.
- Mas existe também uma similitude entre o homem e Deus, que permite à mente humana reconduzir-se a Deus e que faz do conhecimento sensitivo um degrau ordenado para o conhecimento da Sagrada Escritura.

INTRODUÇÃO ÀS LIÇÕES SOBRE HISTÓRIA DA FILOSOFIA, Hegel

- A história das ciências está relacionada com a história da filosofia. No entanto, as ciências pertencem à «cultura do entendimento», sendo necessário distingui-las da filosofia.
- Tanto as ciências como a filosofia têm o conhecimento e o pensar como seu elemento; porém, os objectos das ciências são «os objectos finitos e o fenómeno».
- Por outro lado, as ciências não questionam os seus fundamentos últimos, os seus objectos e os seus princípios metodológicos, ainda que estes sejam universais. Elas apenas os pressupõem.
- O objecto da filosofia é o infinito; ela tem como conteúdo o universal concreto. A filosofia é obra da razão, enquanto conhecimento conceptual do espírito absoluto.

TENDÊNCIAS GERAIS DA FILOSOFIA NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX, Antero de Quental

- A causalidade não é a única forma de explicar os fenómenos: o determinismo é relativo à aparência fenoménica, mas, para além dela, existe em todos os seres uma capacidade de autodeterminação interna, uma espontaneidade inconsciente.
- A matéria obedece a uma vontade imanente que é a vontade de realizar o seu próprio fim: o dinamismo mecânico pressupõe o dinamismo psíquico e final. Cada ser tem a capacidade de se autodeterminar, havendo uma progressão dessa capacidade na escala hierárquica dos seres.
- No plano metafísico, a liberdade coincide com a necessidade: o ser é livre quando o seu princípio e o seu fim se concretizam, por necessidade interna, na natureza e na história; a liberdade coincide com a causa final do ser.

O NASCIMENTO DA TRAGÉDIA, Nietzsche

- O pessimismo prático e o optimismo teórico são conceitos opostos. O pessimismo prático é característico do homem trágico e da cosmovisão trágica. Manifesta-se pela aceitação do carácter paradoxal da existência, simultaneamente dor, vitalidade e energia, e pela admissão da ausência de ordem e de finalidade extrínseca ao próprio mundo e à vida.
- O optimismo teórico é característico do homem teórico, do herói dialéctico e da cosmovisão científica e cristã. Manifesta-se na rejeição do instinto de viver, na «crença na inteligibilidade da natureza». Assenta na crença de que a ciência e a razão são um «remédio universal» para o carácter paradoxal da existência.
- O pessimismo prático manifesta-se na arte trágica, resultante da luta entre os instintos primordiais, dionisíaco e apolíneo, e da recusa da conceptualização e da explicação causal do mundo. O socratismo estético é a expressão na arte do optimismo teórico e foi responsável pela morte da tragédia ática.

DA CERTEZA, Wittgenstein

- Quando alguém faz uma experiência, fala e se questiona, tem algumas certezas, toma como certos o significado de algumas palavras e a existência de algumas coisas.
- Toda a dúvida é posterior à certeza. Todo o comportamento de dúvida pressupõe a não dúvida, pois é a ausência de dúvida que possibilita os jogos de linguagem e permite viver e agir.
- As crenças formam uma imagem do mundo, da qual derivam a certeza dos juízos e o significado das acções e das palavras; a experiência não é fundamento das nossas crenças, ela própria recebe significação no seio de um jogo de linguagem.

O ELOGIO DA FILOSOFIA, Merleau-Ponty

- O sentido da história é imanente à coexistência humana, porque a história é «um projecto humano», que não obedece a qualquer plano divino ou a qualquer sentido teleológico exterior ou superior ao devir histórico.
- A lógica da história pressupõe a contingência do devir histórico, não se tratando de uma limitação, mas de uma condição da importância e do sentido da história humana.
- A filosofia, enquanto interpretação activa da história e busca de sentido, deve rejeitar tanto os absolutos da teologia, como os absolutos da história universal dos sistemas filosóficos hegeliano e marxista.

OS PROBLEMAS DA FILOSOFIA, Russell

- Verdade e falsidade são propriedades das asserções e das crenças. São relativas ao conhecimento de verdades e não ao conhecimento de coisas.
- Verdade e falsidade não podem ser explicadas à luz da teoria da coerência, porque uma mesma crença pode integrar-se em diferentes corpos de crenças, igualmente coerentes, mas incompatíveis entre si. A coerência pode apenas funcionar como «*prova de contrastaria* da verdade».
- A verdade e a falsidade não são propriedades intrínsecas das crenças, mas dependem da sua correspondência a algo de exterior. A crença é verdadeira quando existe algum facto que lhe corresponde; caso contrário, é falsa.
- As crenças dependem de um sujeito para existirem, mas a sua verdade, ou a sua falsidade, depende dos factos e não do espírito que as concebe.

PROBLEMÁTICA DA SAUDADE & ELEMENTOS CONSTITUTIVOS DA CONSCIÊNCIA SAUDOSA, de Joaquim de Carvalho

- A consciência saudosa é sempre consciência *de* alguma coisa.
- Pela análise fenomenológica, determina-se a intencionalidade da saudade, isto é, o correlato entre a consciência saudosa e outras consciências, ou outros seres ausentes.
- Como as diferentes definições da saudade não permitem identificar todas as componentes do acto saudoso, a análise fenomenológica permite alcançar um resultado mais completo e mais rigoroso, pois permite não só determinar essas componentes, como também demonstrar que elas pertencem ao domínio afectivo.
- Pela análise fenomenológica, verifica-se que o sentimento de saudade é despertado pela presença de coisas e situações actuais – apresentação –, mas que são qualitativamente inferiores a outras vividas anteriormente e cuja lembrança suscita a evocação e o desejo de as reviver – representação.

SOBRE A ESSÊNCIA DA VERDADE, Heidegger

- A noção tradicional de verdade pressupõe um dualismo entre sujeito e objecto; consiste na concordância entre um enunciado, ou proposição, e a realidade e na concordância de uma coisa com o seu conceito racional. Implica também a oposição entre verdade e não-verdade.
- Nesta concepção tradicional, a verdade é independente da interpretação da essência de todos os entes, entre os quais o homem; assim, nesta perspectiva, a verdade implica ausência de liberdade, tem carácter definitivo e universal.
- Contra o dualismo entre sujeito e objecto, há que entender que existe uma unidade entre o homem e o ser, que expõe o homem ao ser e que se manifesta na compreensão do ente enquanto tal. Assim, a verdade reside na liberdade, no deixar-ser do ente.
- A verdade enquanto desvelamento exige abertura, para que o ente se torne representável no enunciado e, simultaneamente, implica o velamento do ente enquanto todo.

TEORIA DA INTERPRETAÇÃO, Ricœur

- A conjectura e a validação são momentos da dialéctica da compreensão e da explicação, que permitem, respectivamente, as abordagens subjectiva e objectiva do texto escrito.
- A conjectura consiste num primeiro momento da compreensão, «na captação ingénua do sentido do texto enquanto todo». A conjectura é a necessária reconstrução do sentido do texto escrito, suscitada pela diferença entre o sentido verbal do texto e a intenção do autor.
- A validação permite a passagem da conjectura à explicação, na medida em que permite testar e confrontar conjecturas. Tal como as conjecturas, também a validação tem um carácter meramente probabilístico, e os seus processos são semelhantes aos da falsificação em sentido popperiano.

Item 2	Análise do excerto e fundamentação da análise no contexto da obra	Cotação
Competências de compreensão, de aplicação e de análise	1. Exposição dos elementos do excerto que permitem responder ao item formulado (conceitos, teses, argumentos)	10 pontos
	2. Explicação da relação dos elementos do excerto com o item formulado	15 pontos
	3. Seleccção dos elementos da obra para fundamentar a análise (conceitos, teses, argumentos)	15 pontos
	4. Autonomia na elaboração da resposta (não se limita a reproduzir conhecimentos genéricos, revela reflexão sobre os conteúdos)	07 pontos
	5. Utilização do vocabulário específico da obra	06 pontos
Competências formais	6. Organização do discurso (ordem, coerência)	10 pontos
	7. Expressão escrita (sintaxe, ortografia)	07 pontos

Total do item 2 70 pontos

Item 2 – Tópicos de conteúdo

O MESTRE, Santo Agostinho

- Embora algumas palavras possam ser preferíveis às coisas, como é o caso da palavra «imundície», de modo geral, as coisas e o conhecimento destas são preferíveis às palavras. Mesmo o conhecimento da imundície é preferível à palavra «imundície».
- O conhecimento das palavras subordina-se ao conhecimento das coisas, porque a palavra é apenas um meio para o conhecimento destas.
- A palavra não proporciona o conhecimento daquilo que significa. Só com um conhecimento prévio das coisas significadas pode a palavra ter significação.
- O valor da palavra advém apenas do facto de dirigir o pensamento para as coisas e de incitar ao conhecimento. As coisas conhecem-se por intermédio dos sentidos e da contemplação da criação.
- O mestre exterior serve-se da palavra para advertir, suscitar a vontade de aprender e de encontrar a luz do mestre interior, fonte da verdade e do conhecimento.

PROSLOGION, Santo Anselmo

- O homem, enquanto criatura, é sempre inferior ao Criador, único ser existente por si e que «criou do nada todas as outras coisas». Este ser é entendido como «algo entre todos supremo», o ser «melhor do que o qual nada pode ser pensado».
- Porém, se o homem encontra Deus como o ser «melhor do que o qual nada pode ser pensado», não o sente, isto é, não o conhece, porque a sua inteligência é limitada.
- A inteligência humana é limitada («apertada pela sua estreiteza») e, ao mesmo tempo, é «ofuscada pela amplidão de Deus». Dada a sua limitação, só pode conhecer aquilo que Deus não é ou ter dele um conhecimento parcial. Porém, sendo unidade, Deus não pode ser compreendido parcialmente.
- Existe, portanto, uma distinção entre a compreensão «para nós» e a compreensão «para Deus»: o homem não pode compreender o que Deus é em si mesmo.
- Um outro factor limitativo da inteligência humana é o pecado, que condena o homem a «não ver mais devido às suas trevas».

O ENTE E A ESSÊNCIA, São Tomás de Aquino

- As Inteligências são compostas por forma e existência.
- As Inteligências são, assim, «formas subsistentes por si mesmas sem matéria», mas a sua existência não deriva da sua essência, ou seja, da forma.
- As Inteligências não são causas de si próprias e, por isso, têm de existir «por outro», por uma primeira causa não causada, dada a impossibilidade de regressão infinita nas causas.
- Deus é «unicamente existir» e, por isso, é causa primeira e acto puro: as Inteligências estão «em potência quanto ao existir que recebem de Deus» e dele recebem a existência «à maneira de acto». São finitas e contingentes.
- As Inteligências são mais acto do que potência, pelo que, segundo a hierarquia dos seres, estão mais próximas do primeiro princípio, que é Deus.

RECONDUÇÃO DAS CIÊNCIAS À TEOLOGIA, São Boaventura

- A suprema finalidade de todo o conhecimento humano é a união da alma com Deus e o conhecimento da verdade, revelada pela luz superior e pela Sagrada Escritura.
- Todos os lumes que constituem o conhecimento humano são reflexos da luz superior, emanada de Deus e interiormente descoberta pelo homem. As verdades visadas por cada saber são manifestações da verdade do Verbo divino.
- O conhecimento dos entes criados deve visar o Criador, cujas ideias são causas exemplares e originais de toda a existência. O conhecimento humano reconduz toda a existência ao seu princípio.
- A teologia é a ciência que permite a unidade de todos os saberes com a luz da qual derivam.
- Ao servirem a teologia, as diversas ciências servem, não apenas a finalidade do conhecimento, mas a própria finalidade da existência humana, que é o retorno a Deus. Todo o conhecimento que não consiga realizar esta finalidade é vão.

INTRODUÇÃO ÀS LIÇÕES SOBRE HISTÓRIA DA FILOSOFIA, Hegel

- A filosofia pressupõe a consciência da liberdade, porque requer que o pensamento se pense a si próprio.
- A relação entre liberdade política e liberdade de pensamento permite a manifestação da filosofia na história: a filosofia baseia-se numa vivência real e concreta da liberdade.
- Por isso, a filosofia surgiu num determinado momento de desenvolvimento da cultura e no seio de um povo, o povo grego; a filosofia emergiu quando o espírito se libertou da vida concreta e da moralidade imediata e se concentrou em si mesmo.
- O pensamento livre é pensamento do absoluto e captação da Ideia, isto é, da essência das coisas. A filosofia é a ciência do conhecimento por conceitos.
- A liberdade é a única verdade do espírito, pelo que, quando ela for universalmente realizada, o espírito tornar-se-á absoluto e a história terá chegado à sua consumação.

TENDÊNCIAS GERAIS DA FILOSOFIA NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX, Antero de Quental

- Em filosofia não existe verdade absoluta e definitiva, pois isso impossibilitaria a evolução do pensamento e seria uma forma de o anestesiar. A filosofia é sempre uma «imagem imperfeita da verdade incognoscível».
- A verdade absoluta não é acessível ao homem. Toda a verdade que o homem possa conhecer é relativa e simbólica.
- O ponto de partida da filosofia é a dúvida: a dúvida propõe e delimita problemas, o que constitui já uma certa verdade e abre caminho a outras verdades possíveis.
- Cada tentativa de definição da verdade filosófica contém a indicação de alguma das características da verdade absoluta. A filosofia representa o que há de absoluto no pensamento humano e o que há de relativo na consciência que o pensamento tem de si.

O NASCIMENTO DA TRAGÉDIA, Nietzsche

- A música alemã permite o renascimento da tragédia, nomeadamente, através da ópera de Wagner: esta vale-se da tríade música/tragédia/sublime como expressão da faculdade dionisiaca de um povo. A polifonia da música alemã revela o ser, mas não de forma abstracta e representativa.
- O renascimento do espírito trágico decorre também do espírito da filosofia alemã. Kant e Schopenhauer abriram espaço à superação do homem teórico e do socratismo científico. O primeiro, pelo reconhecimento da incognoscibilidade da coisa em si; o segundo, pelo reconhecimento da arte como manifestação da vontade.
- O renascimento do espírito trágico desencadeará, pela superação da cultura socrática e alexandrina, o renascimento do espectador estético, em substituição do crítico e do homem doutrinado.
- A arte recupera a função meramente estética e deixa de ter um objectivo moral. Pela arte, o mundo e a existência têm uma justificação metafísica, como fenómenos estéticos.

DA CERTEZA, Wittgenstein

- A enunciação de uma proposição empírica não é prova de saber, mas de crença nesse saber. Certas proposições empíricas dispensam investigação e adquirem-se através de educação.
- A acção é anterior à enunciação deste tipo de proposições empíricas e determina a aquisição de um sistema de crenças. A prática de formular juízos empíricos não é aprendida através de regras.
- A criança aprende factos nos quais acredita e que formam um sistema de crenças de acordo com o qual ela também aprende a agir.
- O sistema de crenças constitui uma imagem do mundo e formará o contexto que será o campo de aplicação e o fundamento do significado das proposições.

O ELOGIO DA FILOSOFIA, Merleau-Ponty

- A vida e a morte de Sócrates são o paradigma de um verdadeiro compromisso do filósofo com a verdade integral, com a história e com o mundo.
- Sócrates é o modelo para o filósofo que rejeita «a ironia romântica» e a imunidade literária, pela qual a filosofia julga poder ser um «juízo superior à vida», veículo do «absoluto imobilizado» dos sistemas escritos e académicos, e que pretende impor um sentido ao mundo e à história.
- Sócrates utiliza a «boa ironia», pela qual o filósofo procura fazer descer a filosofia à Cidade, questionando os homens, no sentido de procurar a verdade que se manifesta na interioridade e na intersubjectividade.
- Sócrates é o paradigma do filósofo que, por meio da ironia (ou da ambiguidade), concebe a filosofia como busca permanente da verdade e de sentido. Distancia-se criticamente das convenções políticas e filosóficas do seu tempo, sem procurar transcender as contradições e a contingência da existência humana, sem impor verdades preestabelecidas.

OS PROBLEMAS DA FILOSOFIA, Russell

- Segundo o idealismo (de Berkeley), tudo o que existe e é conhecido são os espíritos e as suas ideias. O idealismo admite a existência da matéria, mas não a entende como algo que se contrapõe ao espírito, e sim como conjunto de ideias percebidas.
- Para estes idealistas, os objectos físicos continuam a existir, mesmo quando não estão a ser percebidos por nós, porque existem como ideia no espírito de Deus. As percepções humanas participam das percepções de Deus e é isso que permite explicar a existência continuada dos objectos físicos ou o facto de diferentes pessoas perceberem o mesmo objecto.
- Um dos erros do idealismo (de Berkeley) consiste em confundir o acto de percepção com o seu objecto. As ideias apenas estão no espírito como actos de percepção, mas não enquanto objectos desses actos.
- Este idealismo recusa o conhecimento de trato – entendido como «relação entre o espírito e algo que não é o espírito» –, limitando assim a possibilidade de conhecimento.

- Os dados dos sentidos não existem independentemente de um sujeito, mas fundamentam a crença instintiva na existência dos objectos físicos e na sua existência independente em relação às percepções humanas.

PROBLEMÁTICA DA SAUDADE & ELEMENTOS CONSTITUTIVOS DA CONSCIÊNCIA SAUDOSA, de Joaquim de Carvalho

- Enquanto a consciência saudosa é relativa à vida psicológica e opera no plano íntimo e emocional, a consciência teórica opera no plano da impessoalidade e da objectividade e consiste em duvidar, assentir e demonstrar.
- A consciência saudosa não implica uma posição prática de acção ou de transformação do mundo, mas uma posição ensimesmada e contemplativa.
- A saudade implica um afastamento emocional e um juízo de valor negativo em relação às condições objectivas da existência presente; pelo contrário, a consciência teórica pressupõe acordo entre a razão lógica e as condições objectivas, ou da razão suficiente.
- A consciência saudosa não é objectiva, mas também não é uma invenção totalmente subjectiva, nem uma mera fantasia.
- Enquanto fenómeno da vida psicológica, a saudade é muito mais rica e vasta do que as consciências teórica e prática, pois confere um significado metafísico à existência.

SOBRE A ESSÊNCIA DA VERDADE, Heidegger

- A liberdade não é capacidade de escolha, nem possibilidade de optar, mas abertura à desocultação do ente, no sentido em que concede ao homem a referência ao ente no seu todo, permitindo que a verdade se manifeste como tal.
- A liberdade é o deixar-ser do ente, ou seja, é ex-posição (ek-sistente) ao desvelamento do ente; o acto de desvelamento do ente implica o seu velamento, fazendo com que ele se oculte ou dissimule.
- A liberdade é a essência da verdade e implica necessariamente a não-essência da verdade: a errância é constitutiva do homem.
- A liberdade «fundamenta toda a história» e revela-se no homem histórico: precede e constitui o homem. «Só o homem ek-sistente é histórico», portanto, só ele é livre.

TEORIA DA INTERPRETAÇÃO, Ricœur

- A dialéctica entre a distanciação e a apropriação nasce da necessidade de interpretar e de recuperar os legados culturais inscritos nos textos do passado.
- A distanciação é a contrapartida da exteriorização e da fixação do discurso na escrita. A escrita anula a referência ostensiva e descritiva, gerando a autonomia da significação do texto em relação à intenção mental do seu autor. Ao mesmo tempo, liberta a referência do texto das circunstâncias da situação dialógica, devido à distância temporal e espacial que se instala entre o escritor e os seus potenciais leitores.
- A apropriação consiste no «resgate», por meio da leitura, da proposta de mundo presente no texto escrito, sem pretender ser uma recuperação do sentido mental original do texto nem das condições socioculturais e históricas originais.
- A relação dialéctica entre distanciação e apropriação corresponde a uma luta entre alteridade e ipseidade, na qual a verdadeira mediação entre o leitor e a significação é o próprio texto «objectivado e desistoricizado». A compreensão do texto proporciona a autocompreensão.

GRUPO II

Item único	Desenvolvimento do tema	Cotação
Competências de compreensão, de aplicação, de análise e de avaliação	1. Relação do tema com o horizonte temático da obra	10 pontos
	2. Integração do tema na estrutura argumentativa da obra (relação com conceitos, teses, argumentos)	20 pontos
	3. Avaliação do modo como o autor trata o tema na obra	10 pontos
	4. Autonomia na elaboração da resposta (não se limita a reproduzir conhecimentos genéricos, revela reflexão sobre os conteúdos)	10 pontos
	5. Utilização do vocabulário específico da obra	06 pontos
Competências formais	6. Adequação do plano organizador à resposta	10 pontos
	7. Organização do discurso (ordem, coerência)	15 pontos
	8. Expressão escrita (sintaxe, ortografia)	09 pontos

Total do Grupo II 90 pontos

Tópicos de conteúdo

DA NATUREZA, Parménides

Tema: O ser e a multiplicidade

- O ser é idêntico a si mesmo e é o objecto do pensar e do dizer.
- A via da verdade revela que o ser é uno, homogéneo, indivisível e contínuo, uma vez que não admite intervalos ou partes. O ser é imutável e imóvel, porque não admite a mudança no tempo ou a mobilidade no espaço. Uma vez que é uno, o ser não está sujeito à geração e à destruição. Ele é eterno, ingénito e incorruptível. Admitir o oposto destes «sinais» equivaleria a admitir o não-ser.
- Porém, os «mortais com duas cabeças» nomearam «duas formas», admitindo a multiplicidade dada na aparência sensível. Esta afirmação da multiplicidade conduz à afirmação dos contrários e à consequente aceitação do devir, da geração e da destruição.

GÓRGIAS, Platão

Tema: Justiça e persuasão

- A justiça é uma arte que assenta no conhecimento e na prática do bem e da virtude. Visa o bem comum e a felicidade. Só o homem justo é feliz. Pelo contrário, a injustiça, fruto da ignorância, gera a infelicidade.
- Enquanto arte, ou ciência, a justiça contrapõe-se à retórica, que é entendida como actividade empírica, adulação ou simulacro da justiça. A retórica funda-se na aparência e na opinião, tendo como finalidade o prazer.

- A persuasão com base na crença é o recurso retórico utilizado para iludir os ignorantes e para obter o poder de forma injusta.
- O verdadeiro político, segundo Sócrates, é aquele que pratica a arte da justiça, dominando os prazeres e agindo racionalmente – o filósofo.

FÉDON, Platão

Tema: Alma e conhecimento da verdade

- Como a filosofia é o desejo de recuperar a visão das formas, o exercício da filosofia é uma forma de mediação e uma preparação para a morte, momento em que a alma poderá alcançar a verdade.
- A alma é independente e preexistente ao corpo e vive para além da morte deste. Antes de ser encarcerada no corpo, a alma existiu em si e por si e contemplou as formas ou ideias, com as quais é congenial.
- Pela reminiscência, a alma liberta-se dos sentidos e vai progressivamente ascendendo ao inteligível e recordando o conhecimento das ideias que possuiu outrora.
- O destino da alma é consentâneo com o tipo de vida que levou: a existência da alma no Além depende da forma como viveu neste mundo; daí a necessidade de cuidar permanentemente dela e mantê-la pura.
- Cuidar da alma é fazer com que ela evite a dependência em relação ao corpo e aos prazeres carnis, pois ambos são obstáculos ao conhecimento da verdade.

CATEGORIAS, Aristóteles

Tema: Substâncias primeiras e substâncias segundas

- «Substância», no seu sentido mais próprio e primeiro, é o que não é dito de nenhum sujeito nem existe em nenhum sujeito, ou seja, os seres individuais. No seu sentido segundo e derivado, substância é o que é dito de algum sujeito, mas que não existe em nenhum sujeito, ou seja, os géneros e as espécies das substâncias primeiras.
- As substâncias segundas dependem ontologicamente das primeiras. Apenas estas subsistem por si mesmas, e sem elas nenhuma outra coisa poderia existir.
- De entre as substâncias segundas, a espécie é mais substância do que o género, porque ela é sujeito do género, mas não inversamente; a espécie é predicada de menos sujeitos do que o género, estando mais próxima das substâncias primeiras, que não são predicado de nada.
- O género e a espécie predicam-se sinonimicamente das substâncias primeiras, porque constituem a sua essência.

PRINCÍPIOS DA FILOSOFIA, Descartes

Tema: O papel da vontade no conhecimento

- No conhecimento, intervêm os dois modos gerais do pensar: o entendimento e a vontade.
- O entendimento é finito, restringindo-se ao que é dado na percepção, sendo esta entendida como «sentir, imaginar ou puro entender». A vontade é livre, e as suas operações (as volições) são «o desejar, o detestar, o afirmar, o negar e o duvidar».
- O juízo exige o concurso da vontade e do entendimento, resultando do assentimento que a vontade dá àquilo que é percebido pelo entendimento.
- Se a vontade der o assentimento a uma percepção clara e distinta, estamos perante um juízo correcto, pois Deus garante a verdade daquilo que concebemos clara e distintamente.
- Porém, sendo livre, a vontade tende a «estender-se para além daquilo que percebemos claramente», dando origem ao juízo incorrecto e ao erro.
- Daí que o método prescreva que tudo o que não é claro e distinto deve ser posto em dúvida.

CARTA SOBRE A TOLERÂNCIA, Locke

Tema: Sociedade civil e sociedade religiosa

- A sociedade civil e a religiosa diferem quanto aos seus fins. Enquanto a primeira visa a protecção e a promoção dos bens civis, a segunda visa a adoração pública a Deus, com vista à salvação eterna.
- A sociedade civil é regulada pelo poder temporal do magistrado, poder que advém da «força conjunta dos seus súbditos» e se exerce para garantir a todos os homens igual direito aos bens civis. O magistrado exerce o seu poder mediante a aplicação das leis civis e pode coagir aqueles que violam as leis e põem em causa a paz civil.
- A sociedade religiosa é uma sociedade livre e voluntária, pelo que as únicas sanções que convêm a este tipo de sociedade são as exortações, as admoestações e a excomunhão.
- A sociedade civil e a religiosa são independentes: a força e a lei civil só se podem exercer sobre coisas indiferentes, nunca sobre questões de consciência, e a excomunhão não pode ter efeitos na sociedade civil nem incidir sobre os bens civis.
- A tolerância religiosa e a separação das esferas da Igreja e do Estado são indispensáveis para defender a liberdade religiosa e os direitos de cidadania e de humanidade.

DISCURSO DE METAFÍSICA, Leibniz

Tema: O homem e Deus

- O homem estabelece com Deus uma relação dupla: por um lado, uma relação entre criador e criatura; por outro lado, uma relação de respeito e de amor.
- A relação do homem com Deus é o fundamento da relação social entre os homens: as relações entre os homens imitam a relação de cada homem com Deus. O amor a Deus é condição para a felicidade do homem e dar-lhe-á um lugar no reino dos céus (ou Cidade de Deus), anunciado por Jesus Cristo.
- O homem, assim como todos os seres e elementos do universo, tem um grau de perfeição ontológica e ética. Ele ocupa um lugar intermédio entre Deus – que é puro espírito – e as restantes criaturas.
- Enquanto alma racional, o homem é um ser moral dotado de capacidade de compreensão e de criação; pela compreensão, apreende as verdades eternas e afasta-se das restantes substâncias, que apenas possuem percepção; pela criação, exprime a vontade de Deus e eleva-se acima do desejo, numa actividade transformadora da natureza e de procura do bem.
- O entendimento permite ao homem decifrar as leis lógicas e físicas que governam o universo e compreender que a ordem física coexiste com a ordem metafísica do universo.

FUNDAMENTAÇÃO DA METAFÍSICA DOS COSTUMES, Kant

Tema: Autonomia da vontade e lei moral

- A vontade é a faculdade de um ser racional «se determinar a si mesmo a agir *em conformidade com a representação de certas leis*».
- Uma vontade plenamente conforme à razão seria determinada, objectiva e subjectivamente, por aquilo que a razão reconhece como praticamente necessário, ou seja, como bom.
- Porém, como o ser humano pertence, simultaneamente, ao mundo sensível e ao mundo inteligível, a vontade humana nunca é, em si, plenamente conforme à razão, estando sujeita às inclinações sensíveis. A sua relação com as leis objectivas do bem é, portanto, de *obrigação*.
- Cabe à razão fazer com que a vontade se subordine à lei moral. Sendo dotado de razão, o homem tem o poder de não se submeter simplesmente às leis da natureza. Tem o poder de agir segundo uma causalidade livre, regendo a sua acção por leis que dá a si mesmo.
- A autonomia da vontade é o fundamento da moralidade, já que pressupõe que a vontade se determina racionalmente pela lei prática moral.
- A lei da moralidade é válida para todos os seres racionais e assume a forma de imperativo categórico. Este representa uma acção como boa em si mesma, independentemente dos objectos do querer e, ao mesmo tempo, institui a dignidade da natureza racional e a humanidade como fim em si mesma.